

Segunda-feira da Ribeira

Hildegardes Vianna

Hoje é segunda-feira da Ribeira. Uma festinha meio sem graça e aparentemente sem lógica. Uma festa solta, sem razão evidente de ser, sem características especiais, com bem acentuados sinais de decadência em matéria de repercussão. Quem se abala para ir à península Itapajipana se divertir? Os turistas. E o pessoal da terra que dá a vida para alimentar o chamado embalo, verdadeiros "fominhas" de uma baguncinha qualquer onde haja um som.

A Segunda-feira da Ribeira é o que resta da outrora gloriosa Segunda-feira do Bonfim, cantada e celebrada pelo velho Lulu Parola, que um dia escreveu: "Para a festa ser grande, bastava um cavaquinho e um violão... Mais atrasados do que o jazz-band, porém falando mais ao coração..." Nunca foi segunda-feira "gorda", conforme os jornais deram para noticiar de um certo tempo para cá, porque nada tinha a ver com o "Mardi Gras" que virou segunda-feira "gorda" no Carnaval brasileiro.

A segunda-feira que se segue ao Domingo do Bonfim era feita pelos tradicionais "remanescentes" da festa. Os "remanescentes" do Bonfim eram pessoas que, naqueles tempos das distâncias longas e transporte quase inexistente, resolviam a situação "abarracando". O "abarracar" tanto podia ser em casa de amigos, ou conhecidos, naquele jeito de "uma noite em qualquer parte se passa", dormindo no chão da sala de visitas, ou em cama cedida por delicadeza (as crianças eram as cedentes compulsórias). O "abarracar" podia ser também em barracas armadas em qualquer recanto de rua.

Uns e outros deixavam-se ficar para dar conta da comida que tivesse sobrado da véspera, alegrando a si e aos que não deviam brincar por questão de ética. A Segunda-feira do Bonfim, como as segundas-feiras que proliferaram no século XIX, princípios do século XX (Rio Vermelho, Barra, Pituba, Guia e outras festas religiosas), tinha caráter profano. Sem uma motivação especial, funcionando por obra e graça dos que com qualquer coisa faziam a festa, cultivando a alegria da vida, a Segunda-feira do Bonfim foi crescendo, atraindo outros festeiros que se dirigiam, decretados, para Itapajipe.

A princípio, ocupava um ambicioso espaço físico. A festança pegava da Calçada do Bonfim, engrossando pela altura do Travassos de Fora, culminando na Ribeira, transbordando depois para Plataforma. Com o tempo foi minguando, sem que disto dessem conta, indo do Papagaio, um reduto das barracas dos negros, até onde o pessoal desejasse. Já nos anos 30, a animação maior se concentrava pela Madragoa e adjacências, a Ribeira "pegando fogo", indo estourar para as bandas de Plataforma.

A segunda-feira do Bonfim tinha seus redutos célebres: Beco do Gilu, Travassos

de Dentro, Bogari, Porto dos Mastro, libam dos Ratos. O samba soava alto. Blocos de pessoas ordeiras, parentes e aderentes de uma mesma família, iam e vinham pelas ruas, sem ornamentação especial, cantando e dançando. Entravam e saíam nas casas conhecidas, com a maior desenvoltura, distribuindo animação. Apareciam mais violões, mais cavaquinhos, mais flautas, mais ocarinas. O movimento de botar e tirar mesa era intenso em todos os lares. Visitantes convidados, ou penetras, banquetevam-se com os sarapatéis, feijoadas, moqueadas, leitões assados, frígideiras, lombos cheios e, durante largo período, com os famosos e indefectíveis rosbifes. Cachaça pura, ou misturada com erva doce, cravo, chá preto, mel, limão pingado um tanto de Ferné, servia de aperitivo. O vinho corria livremente. Gente espiada era fácil de se encontrar. O que vale é que o pessoal do "deixa-disso" sempre estava alerta.

Havia aborrecimentos inevitáveis devido ao calor das libações, ou às cenas de ciúmes por motivos nem sempre justificáveis. Contudo a ordem até que era relativa. E certos lugares, com toda a festança, reinava um ambiente de cordialidade. Quem sabia cantar modinhas, tocar piano, estava entronizado. Assim se desenrolava uma festa feita por pequenos núcleos independentes entre si, formando entretanto um todo inigualável. Como bem disse Lulu Parola: "O que tu eras — eras tu somente."

Já nos anos 20, com os automóveis de capota arriada, o curso passou a ser a dominante da segunda-feira do Bonfim. Passava ensaio de Carnaval. Zé Povo, com penachos de cana à guisa de cajado, ou "mamãe-sacode", continuava no seu melhor estilo, mas perdendo espaço. Não mais apareciam os refrões que deram para Carlos Alberto de Carvalho catalogar, as canções brejeiras sumiram, o shows radiofônicos começaram a tomar conta de tudo. As horríveis barracas foram invadindo o terreno.

Dirão vocês: as barracas garantem o estômago dos festeiros. Muito bem. Mas no tempo em que havia tempo, quando a cerveja não era ponto alto, quem não tinha a felicidade de ser convidado para fazer uma "boquinha", levava o seu pedaço de pão com frigideira para comer à socapa, chupando umbu para matar a sede, distraíndo as crianças que pudessem aparecer.

A Segunda-feira da Ribeira de agora o que é? Pode ser que neste ano seja animada, arraste muito gente, traga problemas para o pessoal que faltar ao trabalho. Faça votos que assim seja. A Segunda-feira do Bonfim inconfundível tornou-se uma festinha comum, igual a tantas outras, talvez impossível de ser resgatada. Nunca mais será aquela. Mas que no presente estágio, com o nome que lhe deram, possa sobreviver, porque alegria é vida. E que Senhor do Bonfim afaste a violência.